



Budismo, Sociedade de Risco e Meio Ambiente¹

Buddhism, Risk Society and Environment

Aline Costa Gonzalez²

<https://orcid.org/0000-0001-9672-8562>

Miron Biazus Leal³

<https://orcid.org/0000-0003-4563-021X>

Marta Botti Capellari⁴

<https://orcid.org/0000-0001-9195-4026>

GT 3: Educação Ambiental e diálogos de saberes

Resumo: A crise ambiental causada principalmente pelos longos períodos de exploração dos recursos naturais, poluição gerada pelas indústrias e quantidade de lixo descartado no mundo, cresceu drasticamente. Diante do consumismo excessivo, novos paradigmas, baseados em um desenvolvimento sustentável, devem ser criados, pois os riscos da modernidade trazem também a reflexividade perante a crise. O objetivo deste trabalho, baseado em revisão teórica sistemática, busca novos horizontes para a proteção do planeta e diminuição dos riscos para a sociedade, por meio de reflexões acerca da correlação entre o budismo e o meio ambiente. Assim, percebe-se que para acontecer a mudança no pensamento e comportamento humano, a fim de transformar consumidores em cidadãos conscientes de que estão inseridos na teia da vida, a educação ambiental e o budismo podem auxiliar, uma vez que pregam pela ética e o bem do coletivo, servindo como instrumentos na transformação de indivíduos cada vez mais reflexivos e altruístas.

Palavras-Chave: Educação Ambiental. Risco; Sociedade; Consumismo; Meio Ambiente.

Abstract: The environmental crisis caused mainly by long periods of exploitation of natural resources, pollution generated by industries and the amount of waste disposed of in the world, has grown dramatically. In the face of excessive consumerism, new paradigms, based on sustainable development, must be created, as the risks of modernity also bring reflexivity to the crisis. The objective of this work, based on a systematic theoretical review, seeks new horizons for the protection of the planet and reduction of risks to society, through reflections on the correlation between Buddhism and the environment. Thus, it is clear that to change

¹ Trabalho aprovado por pares e apresentado no **V Workshop da Rede Internacional de Pesquisa Resiliência Climática - RIPERC**, Modalidade Oral, realizado nos dias 10 a 13 de dezembro de 2023. Unioeste, Marechal Cândido Rondon, Paraná.

² Doutora no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável – UNIOESTE. alinecg_15@hotmail.com.

³ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável – UNIOESTE. advmiron@hotmail.com.

⁴ Professora de Direito Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável – UNIOESTE. mbcapellari@gmail.com.





human thinking and behavior, in order to transform consumers into citizens aware that they are inserted in the web of life, environmental education and Buddhism can help, since they preach for ethics and the the collective, serving as instruments in the transformation of increasingly reflective and altruistic individuals.

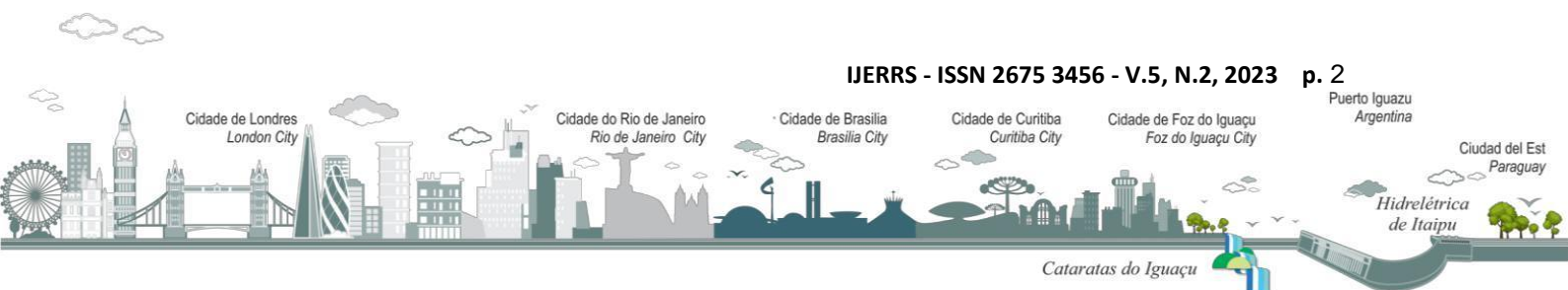
Key Words: Environmental education; Risk. Society; Consumerism. Environment.

INTRODUÇÃO

Para compreendermos os riscos que a sociedade moderna está enfrentando, devemos nos ater às evidências científicas dos riscos ambientais e sucessões de fenômenos climáticos extremos, que afetam de alguma forma o ser humano na saúde, nos seus bens, na economia, na sociedade e na cultura, individual ou coletivamente. Diminuindo assim, a suspeição e o negacionismo existentes diante de danos ambientais como a mudança climática, acidificação dos oceanos, uso indiscriminado da água doce, poluição industrial, aumento da temperatura na terra, ar e mar, alterações no manejo do solo, perda da biodiversidade, produção de resíduos sólidos excessivos e alta concentração de gases na atmosfera.

A crise que estamos passando não é só ambiental, mas também social, afinal, são problemas interligados e só melhoraremos a questão ambiental com a melhoria das condições de vida das populações. De acordo com os estudos de Sachs (2002, 2004) a prosperidade econômica deve ser inclusiva e sustentável e nesse sentido, segundo Cruz e Ferrer (2015), novos paradigmas e mecanismos, baseados em um desenvolvimento sustentável, devem ser criados, a fim de garantirmos uma distribuição justa de riqueza, a preservação do meio ambiente e vida digna para todos da sociedade. Sá (2005) ainda complementa esse pensamento, alegando que o individualismo humano, moldado pela lógica capitalista/materialista, faz com que o planeta esteja sofrendo todo esse desequilíbrio socioambiental, e isso precisa ser revisto. É dessa maneira que será possível enfrentarmos com qualidade, os riscos e minimizar as perdas e danos à economia, à sociedade e ao ambiente.

Dito isto, alguns trabalhos (Boff, 1999; Floriani; Knechtel, 2003; Lima, 2010; Cichelero; Galiotto, 2020) sugerem que a busca pela mudança de comportamento e pensamento da sociedade, para a inclusão de um desenvolvimento mais sustentável e minimização dos riscos ambientais, aconteçam através de melhorias nas políticas públicas, com movimentos ambientalistas, politização dos conflitos,





acordos e estratégias entre as nações, além de práticas educativas. De fato, podemos concordar com esses autores, porém acreditamos que ações conjuntas dessas práticas, principalmente da Educação Ambiental, junto à espiritualidade, como a filosofia budista, poderiam auxiliar na internalização das pessoas ao meio ambiente, de modo que elas, ao se enxergarem inseridas na natureza, consigam compreender a necessidade de preservá-la.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho, baseado em revisão teórica sistemática, é buscar novos horizontes para a proteção do planeta e diminuição dos riscos para a sociedade, por meio de reflexões acerca da correlação entre o budismo e o meio ambiente, promovendo uma análise de como esta filosofia pode atuar para a sensibilização ecológica na sociedade contemporânea.

BUDISMO

Antes de falar sobre o budismo, faz-se necessário apresentar a história de seu fundador, Sir. Sidarta Gautama. Conforme relatos históricos, Sidarta Gautama nasceu em Lumbini⁵ (norte da Índia). Uma noite antes do seu nascimento, sua mãe sonhou que um elefante branco⁶ havia entrado em seu ventre. Após o nascimento, com o batismo, os brâmanes⁷ se reuniram e testificaram que Sidarta seria um grande líder espiritual (Frazão, 2020).

Seu pai, Shudodhana, era o rei/raja do clã dos sakyas⁸, tentando evitar a profecia, cercou os muros do palácio com luxo e conforto, impedindo que Sidarta saísse dos muros do castelo, pois, queria que Sidarta se mantivesse afastado do sofrimento do mundo, e consequentemente do caminho religioso (Paula, 2020).

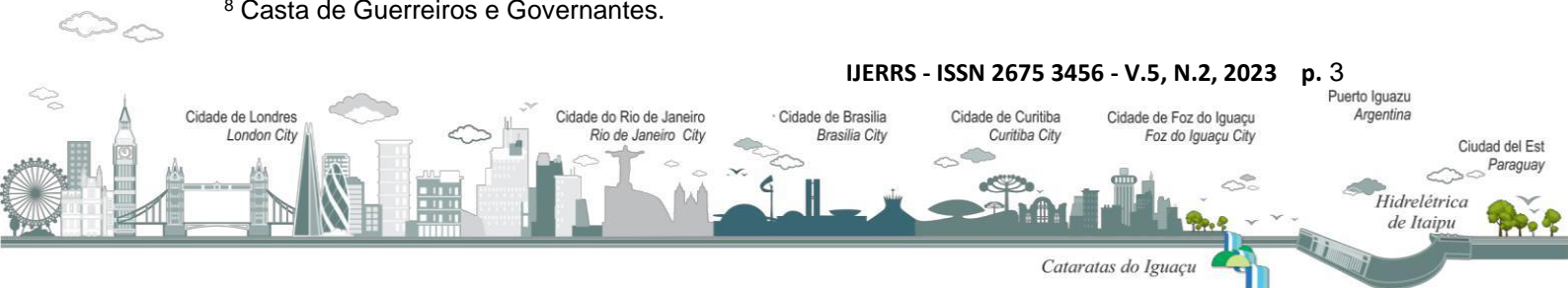
Aos 16 anos, Sidarta casou-se com sua prima Yaçodhara, que lhe deu um filho de nome Rahula. Mesmo cercado de luxo, Sidarta sempre foi um indivíduo reflexivo, com pensamentos metafísicos e indagações sobre o mundo e a religião. Aos 29 anos, Sidarta resolveu que precisava conhecer o que havia fora dos muros do castelo. Ao

⁵ Hoje faz parte do Nepal.

⁶ Por ser um animal raríssimo, era considerado sagrado para os indianos (hinduísmo), pois, representa os Deuses Ganesha (Deus com cabeça de elefante) e Airâvata (Deus elefante).

⁷ Casta de sacerdotes hinduístas.

⁸ Casta de Guerreiros e Governantes.





chegar do lado de fora, Sidarta deparou-se com quatro situações: Nascimento, Doença, Velhice e Morte, do qual nominou como “as quatro verdades da vida”.

Diante da descoberta feita, Sidarta, voltou ao palácio, raspou seus cabelos⁹ e se despojou de suas roupas e joias, passando a usar roupas simples de monges. Em oposição a seu pai, retirou-se do palácio e foi em busca de explicações para as indagações da vida. Seu primeiro contato com a espiritualidade foi com 5 ascetas, que tinham como ideologia religiosa a meditação, oração e jejum constantes, do qual este se juntou. Por causa da prática do jejum, quase morreu por desnutrição, sendo salvo por uma criança do vilarejo que o alimentou com leite.

Após se recuperar, Sidarta abandonou os 5 ascetas e por 6 anos, passou a meditar sozinho. Em um dia, meditando embaixo da árvore “bodhi”¹⁰, Sidarta foi tentado pelo demônio Mara¹¹, que por 49 dias utilizou todos os argumentos e façanhas espirituais para desviá-lo do caminho da iluminação. Ao final do quadragésimo nono dia, Sidarta atinge a iluminação, tornando-se a partir deste momento Buddha Shakyamuni ou Buda¹² (Frazão, 2020).

Em razão da iluminação, Buddha passou a propagar e difundir o conhecimento que havia adquirido. Inicialmente, as pessoas o olhavam com desconfiança e incredulidade, mas com o tempo, passou a ter seguidores e discípulos. Buda deixou ensinamentos para que os indivíduos tenham a consciência do que é o sofrimento, origem do sofrimento e a cessação do sofrimento. Para ele o sofrimento são as quatro verdades (nascer, adoecer, envelhecer e morrer) e tem sua origem no desejo e apenas nas sensações, satisfações do sentido material.

Para tanto, ensinou a forma de libertação do apego e o desejo, qual seja: prática do caminho do meio ou caminho óctuplo. Este caminho sugere que o indivíduo deva agir, sem extremos e dentro de comportamentos honrados e éticos, ou seja, “esteja exatamente no meio, entre os dois polos. A tensão não tem que desaparecer completamente, senão você estará morto; a tensão não tem que ser demasiada, senão você enlouquecerá” (Osho, 2015, p.15). Além do caminho do meio, Buda ensinou sobre as seis perfeições que são: 1) Generosidade; 2) Paciência; 3) Ética; 4) Esforço entusiástico; 5) Concentração e 6) Sabedoria (Palmo, 2020).

⁹ Significa ato de humildade para os hinduístas e budistas.

¹⁰ É a árvore ficus religiosa, ou figueira sagrada. Esta árvore é venerada pelo hinduísmo.

¹¹ Demônio da paixão, luxúria e ego.

¹² Significa aquele que despertou em sânscrito. Coloquialmente interpreta-se como iluminado.





Portanto, o Budismo como pode ser visto, tem como fundamentos primordiais, a conduta reta, a leitura e compreensão dos sutras e a prática da meditação, ou seja, praticar o bem, não prejudicar ninguém e conhecer e controlar sua mente. Buda, também deixou ensinamentos espirituais, especialmente os voltados ao Karma/Carma, Dharma, Samsara e reencarnação.

Para o Iluminado, Karma seria a lei imutável da causa e efeito, ou seja, o todo ciclo de reação, efeitos em decorrência das ações ou omissões conscientes dos seres humanos. Buda estabeleceu três condutas que geram os carmas: 1ª) Gerada pelo corpo; 2ª) Gerada pela fala e 3ª) Gerada pela mente.

Já Dharma ou Dharma, diferente do que é comumente proferido, deriva do sânscrito que significa lei, direito, dever, ou seja, a ação, palavra e o pensamento humano para contrapor ao carma, deverão sempre ser corretos, pois só assim o indivíduo não cairá em estado de miséria ou reencarnará em uma existência ruim.

Buda em suas lições, descreve o Samsara (Figura 1) como sendo a “roda da lei”, ou seja, o ciclo do nascimento, morte e renascimento.

Figura 1 – Samsara



Fonte: Autores, 2020.

Buda, ainda quanto ao Samsara, define a existência de 6 tipos de caminhos ou reinos, compostos por duas faixas distintas – Superior e Inferior. Nos Reinos Superiores se encontram os Deuses, semideuses e humanos e nos Reinos Inferiores os Espíritos/Fantasmas Famintos, Reino Animal e Reino Infernal (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2020), ou seja, caminhos que levam ao sofrimento e caminhos de extinção do desapego e do desejo.



Em relação à reencarnação, seu conceito sobre o ato de renascer, voltar a terra, vincula-se ao samsara, bem como, ao carma e darma, pois, em razão de sua conduta em “vida”, será estabelecido nascimento, meio onde irá crescer, sua condição, etc.

Após a morte de Buddha, e com a expansão do budismo no mundo, foram criadas várias linhas e ramificações, sendo as mais conhecidas variações do budismo: 1) Theravada¹³; 2) Mahayana¹⁴ e 3); Varjayana¹⁵. Dentre as variações, o budismo Nitiren e o Varjayana, foram formadas pelo Buda reencarnado, sendo na primeira escola o Buda Nitiren Daishonin e na Segunda, Dalai Lama.

Mesmo existindo diversas variações do budismo, todas elas possuem um núcleo comum que as unem:

Aceitam Buddha Shakyamuni como Mestre.
As Quatro Nobres Verdades¹⁶ são exatamente as mesmas.
O Caminho Óctuplo¹⁷ é exatamente o mesmo.
A Originação Dependente (Paticca-samuppada¹⁸) é a mesma.
Não consideram a ideia de um ser supremo, criador e dirigente deste mundo.
Aceitam Anicca¹⁹, Dukkha²⁰, Anatta²¹, Sila²², Samadhi²³, Panna²⁴ sem qualquer diferença de conteúdo (OLHAR BUDISTA, 2016, s.p).

Portanto, percebe-se de maneira nítida nos ensinamentos do budismo, especialmente aos que tangem ao samsara, carma e dharma que o indivíduo deve

¹³ Descende diretamente do primeiro grupo da divisão citada. É a escola budista mais antiga entre as existentes, cuja prática é bem próxima do budismo inicial.

¹⁴ Composta pelas escolas – a) Terra Pura; b) Zen; c) Nitiren; Que tinha a finalidade da difusão dos ensinamentos de Buda e não somente para os monges.

¹⁵ Conhecido também como budismo Tibetano é uma escola que possui sua extensão do Mahayana, de caráter mais filosófico que as demais, por isso aceita as interpretações das outras escolas.

¹⁶ Nascimento, doença, envelhecimento e morte.

¹⁷ Compreensão Correta (Samyag-drsti); Pensamento Correto (Samyak-samkalpa); Fala Correta (Samyag-vac); Ação Correta (Samyak-karmanta); Meio de Vida Correto (Samyag-ajiva); Esforço Correto (Samyak-vyayama); Atenção Correta (Samyak-smrti); concentração Correta (Samyak-samadhi).

¹⁸ Prática de fundamento no Dharma.

¹⁹ Impermanência.

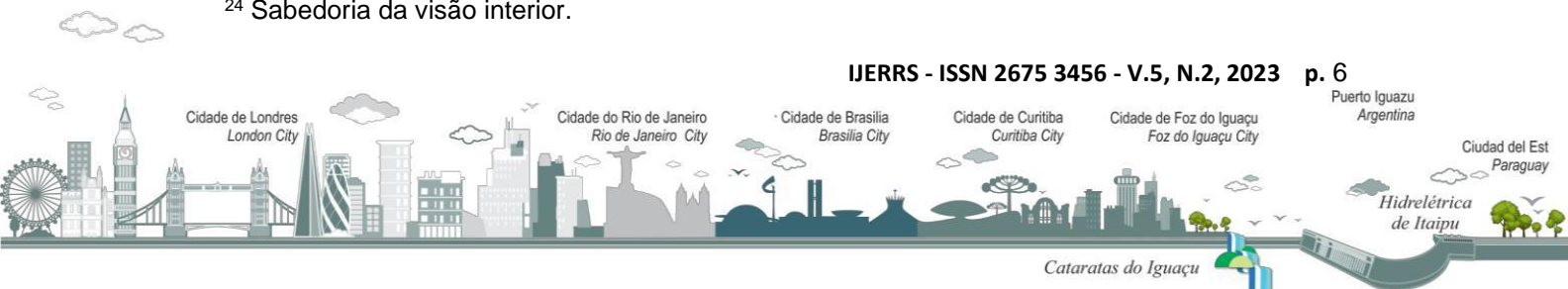
²⁰ Sofrimento.

²¹ Não-Eu.

²² Conduta moral.

²³ Concentração e purificação da mente.

²⁴ Sabedoria da visão interior.





desenvolver condutas morais e conscientes para com si, para com o outro e para com a natureza de forma harmônica e integrativa.

SOCIEDADE E RISCOS AMBIENTAIS

Antes de iniciar o estudo da sociedade e risco ambiental, mostra-se imprescindível apresentar o transcurso histórico dos contornos, repercussões e definições de “meio” ambiente (Quadro 1).

Quadro 1 – Aspecto Histórico da (in) sustentabilidade no âmbito internacional e nacional

Ano	Obra/evento	Repercussões/alertas
1962	• “Primavera Silenciosa” (Rachel Carson).	• Impactos dos Agrotóxicos (organo-clorados) sobre a saúde e o meio ambiente (cadeia tróficas).
1970 a 1972	• Primeiro trabalho do clube de Roma - Blueprint for survival (Dennis e Donella Meadows). Limites do crescimento (Meadows et al.)	• Primeiros estudos oficiais (modelagem) • É impossível o crescimento econômico infinito com recursos naturais finitos. • Alertas para a necessidade de outro enfoque de desenvolvimento, menos agressiva ao meio ambiente.
1972	• Conferência de Estocolmo.	• Sociedades ricas “descobrem” a existência de um só mundo. • A culpa é dos subdesenvolvidos. • Criação do PNUMA.
1973	• Smaillisbeautiful (E.F. Shumacher) –Traduzido para “El pequeno es hermoso” e “O negócio é ser pequeno”.	• O desenvolvimento pode ser sustentável se for baseado na pequena propriedade. É viável economicamente e mais integrado à natureza.
1974	• Segundo trabalho do Clube de Roma – La humanidad ante La encrucijada (Mihanhjilo Mesarovic).	• As crises atuais não são passageiras e suas soluções só podem ser alcançadas no contexto do sistema mundial. • A busca de soluções exige cooperação e adoção de estratégias não tradicionais.
1976	• Terceiro trabalho do Clube de Roma (Jan Tinbergen)	• As soluções requerem uma “nova ética global”, baseada na “cooperação”.
1980	• Informe Global 2000 (encomendado pelo presidente Carter – EUA)	• Diagnóstico: a vida no planeta está ameaçada. • Conclusão: o modelo de desenvolvimento não é extensível. • O estilo de vida do “norte” não pode chegar a todos, pois o planeta não suportaria.

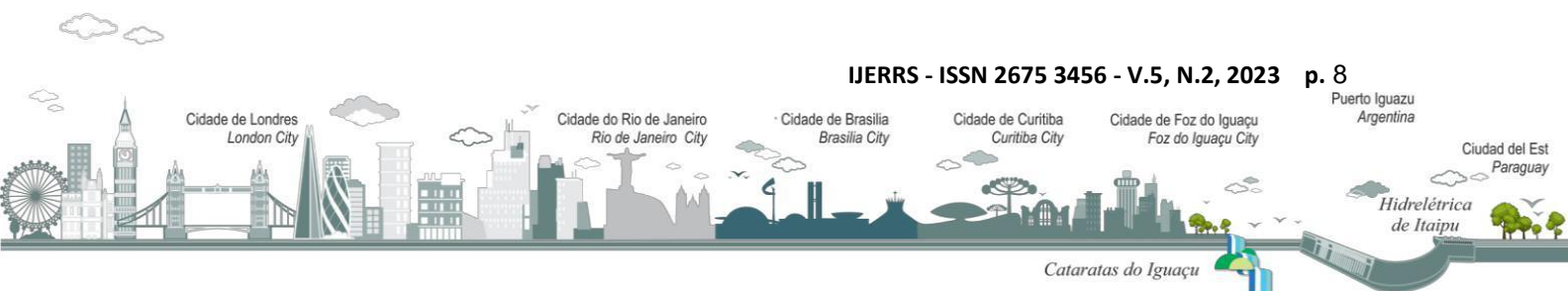


1987	<ul style="list-style-type: none"> • Informe Burtland (Nosso Futuro Comum) da CMMAD. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conceito oficial de Desenvolvimento Sustentável (proposições ainda centradas no crescimento econômico).
1992	<ul style="list-style-type: none"> • Rio 92 (Conferência sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento) 	<ul style="list-style-type: none"> • Carta da Terra • Agenda 21 (Código de comportamento par o século XXI). • Carta climática - Ações para evitar os efeitos da mudança em andamento. - Acordos sobre Biodiversidade.
1996	<ul style="list-style-type: none"> • Conferência da Alimentação (Roma) 	<p>FAO e Banco Mundial: há alimentos para todos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O problema é de distribuição e de capacidade de acesso aos alimentos. • Meta: reduzir a fome de 50% dos famintos até 2025.
1997	<ul style="list-style-type: none"> • Rio + 5 	<ul style="list-style-type: none"> • Alerta: “nada mudou”.
2002	<ul style="list-style-type: none"> • Rio +10 (Conferência de Johannesburg) 	<ul style="list-style-type: none"> • Retomada dos debates e avaliação dos resultados da Rio 92. • Problemas gerados pela globalização.

Fonte: Adaptado de Caporal e Costabeber (2007, p.101).

Mesmo recapitulando os marcos históricos, faz-se necessário a discussão mais apurada e detalhada da Conferência de Estocolmo em 1972. Tal encontro internacional teve como objetivo discutir sobre questões relacionadas à degradação do meio ambiente, que o mundo vem chamando atenção para os problemas ambientais. Nos anos noventa, no Rio de Janeiro, essa preocupação foi intensificada, sendo então lançadas as bases para uma nova ideia de desenvolvimento. Este foi o primeiro passo para que todas as nações pensassem em novos comportamentos de vida, visando conciliar as atividades econômicas e a necessidade de proteger o planeta, garantindo um futuro sustentável para todos.

O princípio de sustentabilidade surge como uma resposta à fratura da razão modernizadora e como uma condição para construir uma nova racionalidade produtiva, fundada no potencial ecológico e em novos sentidos de civilização a partir da diversidade cultural do gênero humano. Trata-se da reapropriação da natureza e da invenção do mundo; não só de um mundo no qual caibam muitos mundos, mas de um mundo conformado por uma diversidade de mundos, abrindo o cerco da ordem econômica-ecológica globalizada (LEFF, 2009a).





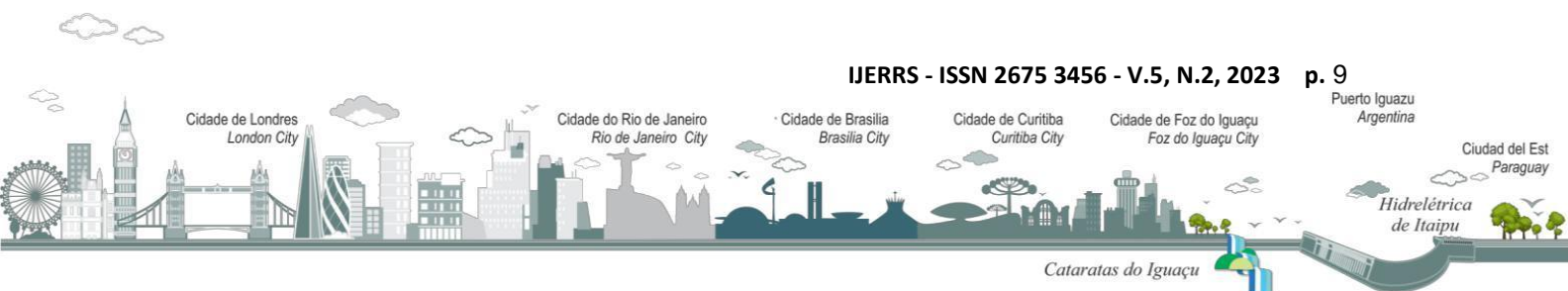
Nas últimas décadas, a crise ambiental causada principalmente pelos longos períodos de exploração dos recursos naturais, poluição gerada pelas indústrias e quantidade de lixo descartado no mundo, cresceu drasticamente. Na modernidade marcada pelo capitalismo neoliberal, o objetivo é o constante progresso, ainda que cause riscos ambientais, pois o que importa é viver o agora (Pereira; Calgaro, 2015).

Segundo Pereira *et al.* (2016), todas essas atividades realizadas diariamente por longo tempo, levam a resultados severos muito conhecidos, como aquecimento global, buraco na camada de ozônio, mudanças climáticas provenientes da poluição, degelo das calotas polares, desmatamento, entre outros. O estrago ecológico não consiste apenas na perda de recursos naturais, mas também na alteração de funções ecológicas reguladoras. Por exemplo, no Brasil, tais funções estão sendo afetadas por mudanças no uso do solo e pela destruição da cobertura vegetal, influenciando assim, na alteração dos sistemas hidrológicos, perda de regulação microclimática e umidade atmosférica, alterando os fluxos de sedimentos, nutrientes e espécies. Atividades como as monoculturas e criação intensiva de gado, transformaram os ecossistemas tropicais, degradando seus mecanismos de equilíbrio e resiliência, tornando-os mais vulneráveis às catástrofes naturais (Leff, 2009b).

De acordo com Leff (2009a), a crise ambiental é o reflexo de uma irracionalidade dos padrões de produção e consumo. A degradação ambiental, o risco de colapso ecológico e o crescimento da desigualdade social, são indícios claros de uma crise de civilização, caracterizada pelo modelo de modernidade conduzido pelo predomínio do desenvolvimento da razão tecnológica sobre as formas de apropriação e usufruto da natureza, cujas origens destinam à concepção de mundo que serve de base à civilização ocidental.

A sociedade se encontra em um novo perfil de riscos, que abrangem ameaças globais e cosmopolitas. São os chamados macro perigos, que não reconhecem as limitações espaciais ou temporais e não se submetem às regras do acaso e aos sistemas de responsabilidade. São perigos consideráveis frente ao potencial de irreversibilidade de seus efeitos (BECK, 2010). A crise socioambiental que temos atualmente, está refletida no grande número de pessoas que são afetadas por desastres, todo ano, e nos custos decorrentes desses incidentes (Cichelero; Galiotto, 2020).

Temos assim, uma sociedade de hiperconsumo, sedenta por bem-estar material e consumo excessivo de todos os tipos de bens possíveis. Além disso, a busca não é





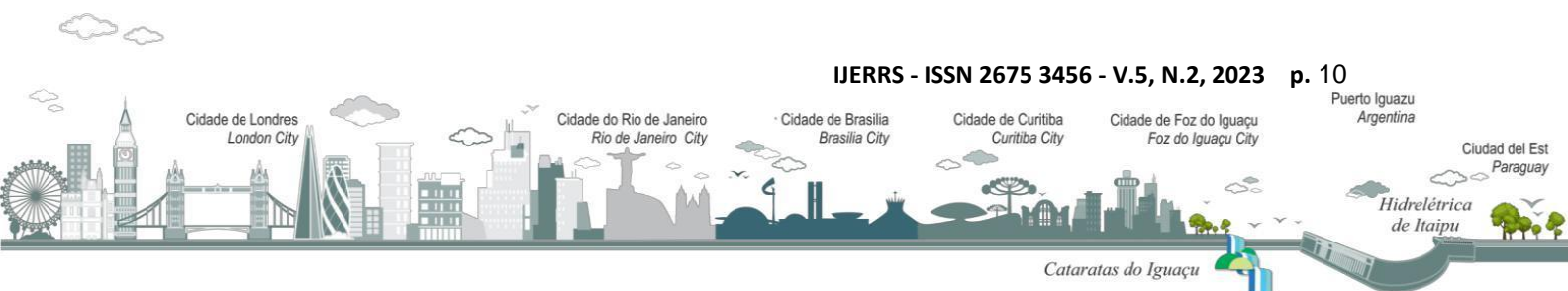
apenas pelo bem material, mas também, pelo conforto psíquico (Lipovetsky, 2007). Isso demonstra que, tanto a pessoa que consome quanto o meio ambiente, sofrem da mesma sociedade de consumo e de risco (Cichelero; Galiotto, 2020). De acordo com Lipovetsky (2007), esse consumo desmedido tem como base uma estrutura individualista que promete felicidade através do ato de consumir, porém isso acaba degradando a qualidade de vida, indo na contramão da promessa de felicidade idealizada, uma vez que produzimos e consumimos sempre mais e não somos mais felizes por isso.

Os riscos da modernidade expõem as consequências das práticas sociais, trazendo também a reflexividade perante a crise. A sociedade que ao mesmo tempo, gera os riscos, também começa a levantar críticas ao seu comportamento. A necessidade de internalizar as questões ambientais ainda está em construção e demanda grande esforço para compreender a complexidade e interdependência intrínsecas à vida, a fim de fortalecer visões integradoras que, centradas no desenvolvimento, estimulem essa reflexão em torno da diversidade e da construção de sentidos nas relações indivíduos-natureza e dos riscos ambientais globais e locais (Jacobi, 2007).

Nascimento (2012), defende a necessidade em adotarmos outros valores e comportamentos, que julga eficazes para a preservação das espécies e possível solução da crise ambiental, por meio de mudanças culturais como, transferir a noção de felicidade do 'consumir' para o 'usufruir'; mudanças no mundo da moda, visando à durabilidade do produto e cobranças da valorização e melhora de transportes coletivos.

Dessa forma é possível perceber que mudanças no padrão de consumo é uma ideia extremamente necessária, uma vez que o consumo sustentável nos fornece serviços e produtos que satisfazem nossas necessidades básicas e nos proporciona melhor qualidade de vida, além de diminuir o uso de recursos naturais e descartes de resíduos, atuando de acordo com o princípio de preservação ambiental para as próximas gerações.

A interação global entre todas as espécies e a noção de interdependência dessas, para uma vida planetária equilibrada, necessita do entendimento em relação à complexidade da temática ambiental e os impactos que os atos praticados pela espécie humana têm causado em todo o globo (Junges, 2016). Porém, um estudo com grupos participantes de atividades de Educação Ambiental e religiosas nos deixa otimistas, uma





vez que, essas pessoas quando inseridas em ambientes naturais, citaram terem redescoberto uma dimensão perdida de felicidade e realização humana. Então, podemos perceber que as expectativas de bem-estar, saúde, realização, aproximação com o sagrado e cura, vêm junto com a experiência contemporânea de valorização da natureza (Carvalho; Steil, 2013).

CONDUTA BUDISTA NA SOCIEDADE DE RISCO

O leitor deve estar se perguntando: “Como o budismo se correlaciona com a sociedade de risco e o meio ambiente?”

Conforme apresentado na primeira parte deste artigo, o budismo é uma religião que tem como fundamentos essenciais éticos: praticar o bem, não prejudicar ninguém e o controle da mente e conseqüentemente os pensamentos.

Buda em seus ensinamentos, considerava que as condutas dos budistas deveriam abranger não somente a si mesmo e outros indivíduos, mas também os animais e o ambiente como um todo, especialmente quanto ao não prejudicar.

Para o budismo, as condutas humanas, sendo elas físicas ou psíquicas, fazem a “roda da lei²⁵” se movimentar, gerando em decorrência um carma positivo ou negativo, o que invariavelmente refletiria seus efeitos para o próprio indivíduo que gerou a ação.

Neste contexto, tanto Buda como seus adeptos, ao analisarem a situação do homem para com a natureza, no passado e nos dias atuais, compreendem que o ponto de partida para uma coexistência harmônica, deve partir da consciência dos seres humanos em duas vertentes: a) Compreender que não existem dois mundos, ou seja, o indivíduo não está fora do ambiente; b) Desenvolver a consciência através da educação ambiental (Teles, 2017).

Da mesma forma, as ciências ambientais ao estudar o comportamento humano e a sociedade de risco, acabou por identificar um instrumento viável para solução da crise ambiental, do qual foi denominado de educação ambiental.

A evolução do homem foi longa até atingir uma consciência plena e completa da necessidade da preservação do meio ambiente. Não por causa das ameaças que vem sofrendo nosso planeta, mas também

²⁵ Samsara.





pela necessidade de preservar os recursos naturais para as futuras gerações [...] Para que aconteça a preservação do meio ambiente, faz-se necessário conscientizar o homem por meio do conhecimento da relação homem e meio ambiente. A importância da preservação dos recursos naturais passou a ser preocupação mundial e nenhum país pode eximir-se de sua responsabilidade. Essa necessidade de proteção do ambiente é antiga e surgiu quando o homem passou a valorizar a natureza, mas não de maneira tão acentuada como nos dias de hoje. Talvez não se desse muita importância à extinção dos animais e da flora, mas existia um respeito para com a natureza, por ser criação divina. Só depois que o homem começou a conhecer a interação dos microorganismos existentes no ecossistema, é que sua responsabilidade aumentou. (Sirvinska, 2003).

Portanto, a ciência e o budismo chegaram no mesmo ponto em comum, qual seja: que a educação ambiental seria o meio mais adequado para conscientização do homem, seu comportamento e responsabilização para com a natureza.

Para que possamos adentrar na educação ambiental e comportamento budista, faz-se necessária apresentar o que seria a sociedade de risco.

Tem-se por sociedade de risco um comportamento dos seres humanos de forma individual ou coletiva, por ação ou omissão, bem como as situações, extra-humanas, que geram riscos ambientais, sociais e pessoais. Inclusive, cumpre apresentar que a sociedade de risco não está limitada a um território e tempo, ao contrário, os efeitos de uma sociedade de risco vão além do tempo e espaço, pois, prejudicam não apenas no hoje, mas sim as futuras gerações (Giddens, 1991).

Portanto, Giddens (1991) complementa que a coletividade globalizada gera uma “transformação de contextos e experiências sociais” em ampla escala, ou seja, a globalização e seus comportamentos geram efeitos não somente onde foram produzidos, mas também em outros lugares.

Tanto Giddens quanto Beck desenvolveram o conceito de modernidade reflexiva, oferecendo uma abordagem dentro das ciências sociais, voltadas ao estudo da interação do homem com a natureza, especialmente quanto a transformação deste ambiente social.

A sociedade de risco encontra-se fora de controle dos instrumentos instituídos pelas organizações que visam proteger a sociedade. Portanto, a análise do risco seria a forma de identificar o futuro, com o fim de possibilitar a escolha de um futuro esperado.

Esta escolha do futuro dentro da sociedade de risco e do próprio risco, possibilita uma discussão pública sobre as lógicas modernas e suas consequências.





Mostra-se claro que a correlação entre budismo, ciência e sociedade de risco é a consciência dos indivíduos frente aos seus comportamentos, dos outros e da sociedade, bem como seus efeitos positivos, negativos ou neutro.

Tanto Buda como os cientistas, buscaram um meio viável para conferir esta consciência e diálogo social para solução dos riscos, sendo que ambas as vertentes identificaram que a forma mais aprimorada seria a educação ambiental nos contornos da ética.

A educação ambiental deve estar fundamentada na ética ambiental. Entende-se por ética ambiental o estudo dos juízos de valor da conduta humana em relação ao meio ambiente. É, em outras palavras, a compreensão que o homem tem da necessidade de conservar ou preservar os recursos naturais essenciais à perpetuação de todas as espécies de vida existentes no planeta Terra. Essa compreensão está relacionada com a modificação das condições físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, ocasionada pela intervenção de atividades comunitárias e industriais, que pode colocar em risco todas as formas de vida do planeta. O risco da extinção de todas as formas de vida deve ser uma das preocupações do estudo da ética ambiental. (Sirvinska, 2003).

Sakyamuni em seus ensinamentos, compreendeu que o sofrimento humano seria oriundo dos apegos e desejos, sendo a forma de rompimento deste sofrimento um comportamento voltado a: a) Compreensão correta; b) Atitude correta; c) Fala correta; d) Ação correta; e) Modo de vida correta; f) Esforço correto; g) Atenção correta; h) Concentração Correta (Paula, 2020).

Nos dias atuais, as palavras de Buda encontram-se mais atuais do que nunca, pois, conforme as teorias da sociedade de risco, um dos comportamentos ambientais nocivos seria uma sociedade predatoriamente consumista, que gera conseqüentemente um sofrimento individual e global.

Com isso, pode-se afirmar que no consumismo há uma dupla degradação ambiental: ao mesmo tempo em que se retiram recursos naturais, desestabilizando o meio ambiente para a produção de bens de consumo, posteriormente e cada vez mais rapidamente estes bens são jogados fora como resíduos e/ou rejeitos, sendo que muitas vezes sequer deveriam ser classificados como tais, visto que ainda são próprios para consumo (Milani, 2013).



A educação ambiental como porta de acesso para a discussão coletiva dos comportamentos humanos e seus efeitos em uma sociedade de risco adoentada, permite a conscientização e responsabilidade de seus atos, bem como as consequências destes de forma individual e do mundo em que vive.

Para Carvalho (2004),

Os processos de formação de uma consciência ecológica passam pela história do movimento ecológico e da própria educação ambiental. A tomada de consciência do problema ambiental tem a ver também com a crescente visibilidade e legitimidade dos movimentos ecologistas que vão ganhando força e conquistando adeptos para um núcleo de crenças e valores que apontam para um jeito ecológico de ser, um novo estilo de vida, com modos próprios de pensar o mundo e, principalmente, de pensar a si mesmo e as relações com os outros neste mundo.

Na mesma linha, extrai-se a seguinte visão do budismo quanto ao tema vinculado à ecologia e natureza:

Segundo o budismo, do qual diz-se que é ecológico por natureza, a interligação e a complexidade de todos os seres, bem como a interdependência de observador e observado, são algo natural. Dalai Lama diz que todos os nossos atos têm uma dimensão universal. O budismo opera com a concepção de que além da interdependência, própria da ecologia e do holismo, o homem situa-se na inseparabilidade, apesar de vivenciar percepções separadas entre as coisas e entre os humanos e outros seres, e com o universo. Dalai Lama prega uma responsabilidade universal, a partir de uma consciência universal básica e imprescindível no tempo em que vivemos, prescindindo a culpa e voltando-se apenas para o caminho do meio, do direcionar corações e mentes para os outros. Isso tudo implica naturalmente a ética ambiental, já que todos os seres estão envolvidos e tem dignidade própria (Pelizzoli, 2003).

Portanto, resta evidente que o budismo, bem como a ciência, através das diversas práticas e, em especial, a educação ambiental, visam não somente trazer consciência ao indivíduo quanto aos seus comportamentos e sua interação com a natureza, mas principalmente, demonstrar que ações éticas geram carmas positivos, ou seja, efeitos benéficos para o fim de minimizar ou evitar os riscos sociais, políticos e ambientais de forma individuais e globais, tanto no presente quanto no futuro.



CONCLUSÃO

Diante das reflexões apresentadas em torno da crise socioambiental que vivemos atualmente e a necessidade da valorização da natureza, bem como da internalização do ser humano ao meio ambiente, no intuito de proteger o planeta, podemos perceber que é a relação de consumo da sociedade que causa os maiores danos a todos os moradores da Terra.

Dessa forma, é preciso melhorarmos como seres humanos, deixando o individualismo de lado e começando a buscar novos modos de produção, avaliando se os produtos e serviços são sustentáveis ambiental e socialmente e assim, resgatar os valores importantes para viver em sociedade, como a cooperação, a solidariedade e o respeito.

Por fim, dentre tantas práticas que podem ser utilizadas para trabalhar a mudança no pensamento e comportamento dos cidadãos contemporâneos, demos neste trabalho, destaque ao budismo e à educação ambiental, uma vez que pregam pela ética e o bem do coletivo, sendo ferramentas que formam indivíduos cada vez mais reflexivos e altruístas, vindo a transformar consumidores, em cidadãos conscientes de que estão inseridos nessa teia da vida, preocupados com os seres vivos atuais e as próximas gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

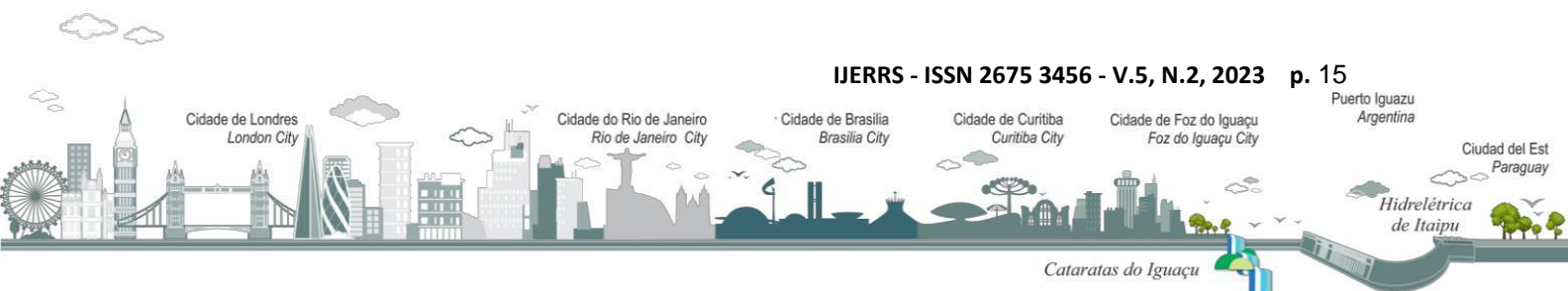
BECK, U. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Ed. 34, 2010.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CARVALHO, I.; STEIL, C. Natureza e imaginação: o Deus da ecologia no horizonte moral do ambientalismo. **Ambiente & Sociedade**. 2013. v.16, p. 103-118. Doi: 10.1590/S1414-753X2013000400007.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

CICHELERO, C. A.; GALIOTTO, R. Sociedade de consumo e crise ambiental: os reflexos do hiperconsumo. In: SCUR, L.; GIMENEZ, J. R.; BURGEL, C. F. (org.). **Biodiversidade, recursos hídricos e direito ambiental** [recurso eletrônico] / Caxias do Sul, RS: Educs, 2020. ISBN 978-65-5108-010-4.





CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e extensão rural**: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável, 3.ed. Brasília: MDA/SAF/DATER, 2007.

CRUZ, P. M.; FERRER, G. R. Direito, Sustentabilidade e a Premissa Tecnológica como Ampliação de seus Fundamentos. **Sequência** (Florianópolis), n. 71, p. 239-278, dez. 2015.

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. **Samsara**. Disponível em <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/samsara-roda-da-vida-budista/>. Acesso em 02 nov. 2020.

FRAZÃO, D. **Budismo**. Disponível em <https://www.ebiografia.com/buda/>. Acesso em data 03 nov. 2020.

FLORIANI, D.; KNECHTEL, M. do R. **Educação Ambiental, Epistemologia e metodologias**. Curitiba: Vicentinas, 2003.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

JACOBI, P. R. Educar na sociedade de risco: o desafio de construir alternativas. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v.2, n.2, p. 49-65, 2007.

JUNGES JR. Principios ecológico-éticos de la sostenibilidad socio ambiental: el caso de la Economía y de la Agricultura. **Revista Iberoamericana de Bioética** / nº 01 / 01-13, 2016, ISSN 000-000, DOI: 10.14422/rib.i01.y2016.004.

LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2009a.

LEFF, E. **Ecologia, capital e cultura**: a territorialização da racionalidade ambiental. Petrópolis: Vozes, 2009b.

LIMA, G. F. da C. Violência e Meio Ambiente: Pode a Educação Ambiental contribuir para a paz e a Sustentabilidade? **Espaço do Currículo**, v.2, n.2, pp.231-247, setembro de 2009 a março de 2010.

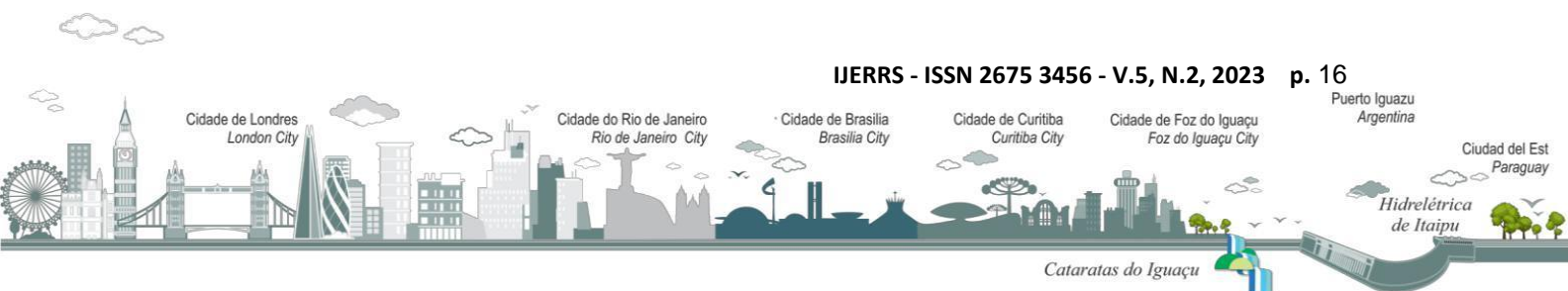
LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MILANI, M. **A modernidade e a sociedade de risco**: o consumismo como fator de riscos ambientais. Revista Direito e Democracia, v.14, n.1, jan./jun. 2013. Disponível em <file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/2661-8457-1-PB.pdf>. Acesso em data 05 nov. 2020.

NASCIMENTO E. P. do. Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. **Estudos avançados**. 2012; 26(74):51-64. ISSN 0103-4014.

OLHAR BUDISTA. **Os 3 veículos do Budismo – Theravada, Mahayana e Vajrayana**. Disponível em <https://olharbudista.com/2016/07/04/os-3-veiculos-do-budismo-theravada-mahayana-e-vajrayana/>. Acesso em data 03 nov. 2020.

OSHO. **Tao**: O Portal Dourado. São Paulo: Shanti. 2015.





PAULA, C. de. Super Interessante. **O príncipe hindu Sidarta Gautama, o iluminado.** Disponível em <https://super.abril.com.br/historia/o-principe-hindu-sidarta-gautama-o-iluminado/>. Acesso em data 03 nov. 2020.

PALMO, J. T. **Generosidade: a primeira das Seis Perfeições.** Disponível em <https://bodisatva.com.br/generosidade-primeira-perfeicao/>. Acesso em data 03 nov. 2020.

PELIZZOLI, M. L. **Correntes da ética ambiental.** Petrópolis. Vozes. 2003.

PEREIRA, A. O. K.; CALGARO, C. A modernidade e o hiperconsumo: políticas públicas para um consumo ambientalmente sustentável. In: PEREIRA, A. O. K.; HORN, L.F. del R. (org.). **Relações de consumo: políticas públicas.** Caxias do Sul: Plenum, 2015. p. 13-32.

SÁ, L. M. Pertencimento. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. (Org.) **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores.** Brasília: MMA/Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 245-256.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SACHS, I. **Desenvolvimento: Includente, Sustentável, Sustentado.** Rio de Janeiro. Ed. Garamond. 151p. 2004.

TELES, N. R. **Budismo e a Natureza.** Disponível em <http://cidadaniaecologica9.blogspot.com/2010/02/budismo-e-natureza.html>. Acesso em data de 05 nov. 2020.

